

Roberto C. Dentan

# As Santas Escrituras

PUBLICADORA ECCLESIA

Roberto C. Dentan

AS  
SANTAS  
ESCRITURAS

Tradução de  
N. Duval da Silva

2ª Edição  
1961



Publicadora Ecclesia  
Pôrto Alegre

# SUMÁRIO

Prefácio

## PRIMEIRA PARTE: INTRODUÇÃO

I — Aproximação à Bíblia. 11

## SEGUNDA PARTE: O VELHO TESTAMENTO

II — Livros Históricos: Como Israel se Tornou uma Nação. 33

III — Livros Históricos: Os Reinos dos Hebreus. 53

IV — Livros Históricos: Exílio e Retorno. 65

V — Livros Proféticos: Proclamação da Justiça e Misericórdia de Deus. 81

VI — Livros Poéticos e de Sabedoria: Meditações sobre Deus e a Vida. 97

VII — Fé e Prática Religiosa no Velho Testamento. 105

## TERCEIRA PARTE: O NOVO TESTAMENTO

VIII — Os Quatro Evangelhos: Registos da Vida Terrena de Jesus. 125

IX — Atos dos Apóstolos: Como a Igreja se Propagou de Jerusalém a Roma. 155

X — As Epístolas: A Vida da Igreja no Novo Testamento. 163

## QUARTA PARTE: CONCLUSÃO

XI — Cristo, o Verbo. 187

## PREFÁCIO

Faz o presente volume parte de uma série que o Departamento de Educação Religiosa está paulatinamente publicando para leitura instrutiva dos membros adultos da Igreja Episcopal Brasileira. É óbvio que êsses livros serão sempre úteis e interessantes aos jovens e às pessoas simpatizantes que desejam conhecer melhor a história, a natureza, o pensamento e a prática da Comunhão Anglicana. Embora não sejam escritos com vistas à Escola Dominical, certamente constituem preciosa fonte de ensinamentos de que os professôres se poderão valer e mesmo recomendar aos alunos mais adiantados como leitura suplementar.

Desta coleção, foi já publicado o atraente livro de história eclesiástica, de autoria do Rev. N. Duval da Silva, intitulado *A IGREJA MILITANTE*, e vários outros estão em preparo.

A presente obra, vertida do inglês, representa acurados estudos críticos que se prolongaram por muitos meses e, embora escrita por uma só pessoa, é de fato produto de várias mentes.

O manuscrito inicial do autor submeteu-se a uma comissão altamente representativa do pensamento da Igreja e foi, em muitos pontos, inteiramente refeito até corresponder ao consenso da referida comissão.

Ao Ven. N. Duval da Silva, que fêz a tradução para o nosso vernáculo, e ao Ven. George U. Krischke, que meticulosamente examinou os originais, os nossos agradecimentos muito sinceros.

O EDITOR

**Primeira Parte**

**INTRODUÇÃO**



## APROXIMAÇÃO A BÍBLIA

O Deus no qual crêem os cristãos é o Deus que se revelou a si mesmo na História, e a Bíblia é o registo dessa revelação. Assim, a Bíblia não é um livro sobre os homens, mas a respeito de Deus. Seu principal valor não reside em ser uma grande obra literária, mas em mostrar-nos o que é Deus e como Ele atua.

### A Bíblia como revelação de Deus

O Deus que a Bíblia revela não é uma força impessoal, nem um absoluto vago, remoto, que se poderá chamar o Ser Supremo. Também não é mera lei da natureza, como o princípio da gravitação. É um Deus pessoal que ama, planeja, cria e se revela a si mesmo. Não quer isto dizer que Deus tenha corpo físico, nem que Sua vontade, comoções e planos sejam variáveis como os da personalidade humana. Nenhuma só palavra empregada para descrever a personalidade humana terá o mesmo sentido quando aplicada a Deus. Ele é infinito e Sua personalidade não é mutável como a nossa, tão cheia de limita-

ções. Seus planos e propósitos são eternos e Seu amor é permanente e ilimitado. O Deus da Bíblia é pessoal porque as pessoas — sêres que pensam, desejam, criam e amam — são os mais elevados de tôda a criação e Deus deve ser o maior de tudo quanto existe. Sua natureza inclui, no mais alto grau, todos os qualificativos que fazem da personalidade humana a mais nobre e valiosa coisa conhecida.

E' deveras importante compreender isto perfeitamente porque o próprio Deus é a figura central da história bíblica e, através de tôda a Escritura, *Ele* se revela agindo como uma pessoa. Não é alguma coisa abstrata e envolta em sombras, mas um Deus vivo que pensa, fala e age. Criou o mundo pela Sua vontade, dando-lhe um objetivo e êsse objetivo *Ele* o revelou às Suas criaturas. Relata a Bíblia a atividade pessoal de Deus de modo tão vívido que, muita vez, parece fazê-lo atuar exatamente como os sêres humanos. Em certas passagens, fala dêle como possuindo braços, mãos e dedos. Em outras, diz que *Ele* se arrependeu do que fêz. Tais passagens não devem ser tomadas literalmente. São modos vívidos e claros que nos impelem a compreender que Deus é tão real que nossas relações para com *Ele* não se fazem através de idéias mal definidas ou de fôrças naturais, mas são relações de pessoas com uma Pessoa. O Deus da Bíblia não é um *Ele* que se discute impessoalmente; é um *Tu* que, a cada passo, se nos apresenta com um convite a crer e uma ordem para ser obedecida.

### Como Deus se Revela

Porque Deus é pessoal e nos criou "à Sua imagem" (Gên. 1:26) para sermos Seus Filhos, deseja *Ele* revelar-se de modo que O conheçamos e O amemos. Aos espíritos



e corações preparados para receber tal revelação, é Deus realidade inegável. Efetua-se de três maneiras.

Primeiro, Deus se revela na *Natureza*, não porque a natureza é a mesma coisa que Deus, mas porque Ele a criou e a dirige. Por intermédio da natureza se pode aprender que Deus existe e como ela foi criada por Ele, mostrando alguns dos característicos do Seu Criador. Na beleza, na ordem e na dependência do mundo natural vemos refletida a beleza, a ordem e o poder de Deus.

Segundo, Deus se revela em grandes e determinados fatos da *História*. Como cristãos, aceitamos firmemente essa revelação. Tal crença é o que distingue as religiões judaica e cristã das demais.

Terceiro, Deus se revela através dos profundos e inspirados conhecimentos de grandes homens, chamados *Profetas*. Este é, na verdade, outro aspecto da revelação de Deus na História, porque não entenderemos o significado da história sagrada se ninguém houvesse capaz de explicá-la. O comum dos homens estuda e vê os eventos históricos somente como conseqüências da casualidade ou de leis mecânicas; os profetas enxergam nesses mesmos fatos a declaração dos eternos propósitos de Deus. O profeta fala principalmente aos seus contemporâneos; mas, porque ele trata de coisas eternas, sua mensagem tem significação permanente. E' em virtude das grandes personalidades proféticas do Velho e Novo Testamentos que hoje entendemos o significado da história que a Bíblia nos relata. E' oportuno saber, porém, que o termo "profeta", usado neste sentido, não está limitado àqueles que são tècnicamente chamados profetas; mas inclui todos os grandes mestres religiosos, cujo auxílio nos ajuda a melhor compreendermos as maravilhosas obras de Deus.



## A revelação especial de Deus na Bíblia

Deus se revela, sem dúvida alguma, de um modo ou de outro, em tôda a História; contudo, a Bíblia é o relato de uma seção particular dessa mesma História, em que Ele se faz conhecido de modo inequívoco. E' a história de Israel: o Velho Israel (a nação hebréia) e o Novo Israel (a Igreja Cristã). Nessa história vemos como Deus escolheu uma nação para ser o agente de Sua revelação a todos os homens, em todos os lugares. Aprendemos como Ele se fêz conhecido dessa gente libertando-a do Egito; como a guiou e formou durante os séculos que se seguiram e, finalmente, como terminou Sua obra de revelação com outro grande ato redentor — a vitória de Cristo sôbre o pecado e a morte — e criou a Igreja para proclamar as Boas Novas a tôda a humanidade.

Na Bíblia encontramos Deus sempre trabalhando, criando, guiando e redimindo. Quando a lemos, não é como se estivéssemos numa aula, ouvindo professôres falar a respeito de coisas referentes a Deus. Antes, é como se estivéssemos num teatro, vendo Deus entregue à realização de atos poderosos. O drama da redenção da espécie humana é longo e magnífico e os vários capítulos da história são os atos em que êle se desenrola. Lembremos sempre, porém, que ainda que o chamemos drama, êle realmente aconteceu. Em todos os pormenores essenciais, o que denominamos história na Bíblia, constitui história verídica.

### A Bíblia como Palavra de Deus

Sendo a Bíblia o registo da revelação de Deus, é apropriadamente chamada a Palavra de Deus. Esta designação torna-se clara quando compreendemos que aqui

o termo "Palavra" simplesmente quer dizer comunicação ou mensagem. Quando desejamos comunicar a outros nossos pensamentos, fazemos uso de palavras. Por vêzes, empregamos o termo "palavra" no singular, referindo-nos a uma sentença ou a uma mensagem inteira. Assim, quando dizemos, ao fim de um assunto qualquer, "minha última palavra é esta", referimo-nos a um conjunto de pensamentos. Neste sentido é que a Bíblia se torna a Palavra de Deus aos homens. Nela encontramos a própria mensagem de Deus a Seu respeito, e ela nos comunica a verdade sôbre Seus propósitos com referência ao mundo.

E' importante notar que quando afirmamos ser a Bíblia a Palavra de Deus não queremos dizer que há diversas palavras dêle ou que cada termo ou verso bíblico tenha Deus como autor. Há muita coisa no Livro Sagrado que lógicamente se refere apenas a épocas especiais ou a situações já passadas. Também há outras que se aplicaram sômente a certos estágios do desenvolvimento da compreensão humana e que foram superadas quando o homem ultrapassou êsses estágios. Outras há, ainda, que estão incluídas na Bíblia sômente porque nos auxiliam a compreender o progresso da História. Algumas passagens são difíceis de interpretar e outras chegam mesmo a contrariar a moral cristã. Por isso, não podemos ler a Bíblia fragmentariamente, interpretando cada verso ou capítulo por si mesmo. Erros doutrinários e morais hão surgido porque algumas pessoas têm tirado conclusões arbitrárias de versos e capítulos isolados, sem observar devidamente o sentido que êles devem ter no todo. Palavras particulares devem ser vistas e estudadas à luz da Palavra como um todo.

Na história bíblica aprendemos: o que Deus é; o aparecimento do homem; o que Deus deseja que êle seja;



como o homem, rejeitando o plano divino e seguindo o seu próprio, chegou ao trágico estado presente; como Deus proveu os meios de libertá-lo, dando-lhe oportunidade de realizar, como Seu filho, o glorioso destino para o qual foi criado. Essa história, no seu decurso e grandeza, é a Palavra de Deus ao homem.

### **A inspiração da Bíblia**

Tôda gente concorda que a Bíblia é um livro inspirado, mas nem todos concordam o que significa ser inspirado. Na linguagem comum, a palavra “inspiração” é muitas vêzes usada para qualificar algo muito belo; é nesse sentido que dizemos ser Shakespeare um poeta inspirado. Há quem explique a doutrina da inspiração da Bíblia nesse sentido. A Bíblia, dizem, é inspirada no mesmo sentido em que é inspirada a grande literatura, nada mais. Quando a Igreja, porém, usa êsse têrmo, quer dizer muito mais do que isso. Ela afirma que, de modo definido e sem paralelo, é a Bíblia obra do Espírito Santo.

---

A Bíblia é inspirada, primeiro que tudo, porque tem um relato inspirado para nos transmitir. E' história ímpar, porque não se formou dos anais de uma nação particular ou de um grupo restrito de pessoas, mas constitui história na qual Deus é o ator principal. Atrás do grande drama, cheio de episódios coloridos e notáveis tipos humanos, vemos Deus conduzindo o curso dos fatos e dando forma ao fim a que se dirigem.

Crê ainda a Igreja que Deus — que preside sôbre tôda a História — preside também, de algum modo, sôbre a sua descrição literária. Assim, seu sentido essencial não será deturpado pela maldade humana e passará às futuras gerações. O Espírito Santo vigiou o crescimento



dêsse livro e o tem preservado para que nós creiamos seja êle um real relato do que Deus fêz por nós, e aceitemos o seu conceito do mundo como base firme da nossa fé e conduta.

Isso não quer dizer que somos obrigados a crer que cada palavra ou verso da Bíblia tenha sido ditado por Deus e é porisso verdade inquestionável. (Essa é a doutrina comumente chamada *infallibilidade verbal*). Ha muita coisa na Bíblia que nos torna difícil aceitar essa opinião: contradições, enganos acidentais e idéias que são claramente de origem humana. Mais importante do que estas considerações, entretanto, é o fato de que tal opinião poderá fazer da Bíblia um livro irreal, mais ou menos mágico, que apresenta Deus agindo por métodos que não são os Seus.

Na história bíblica encontramos Deus sempre operando através dos homens, homens reais, falíveis, humanos como nós mesmos. Os grandes vultos da Escritura são fortes, humanos e dignos de amor. A Bíblia nunca teme mostrar suas faltas tanto quanto suas virtudes. — Mesmo no estupendo fato da Encarnação — que é o evento central da Bíblia e de tôda a História — Deus não se quis revelar através dum semi-deus ou de alguém diferente de nossa natureza comum, mas por meio de Alguém que era perfeitamente humano, “em tudo semelhante aos irmãos” (Heb. 2:17). Assim, quando Deus nos deu a Bíblia e usou os seres humanos como seus autores, não poderíamos esperar que Êle anulasse suas personalidades sujeitas a interêsses pessoais, estilo próprio de escrever e, ainda, a faculdade de cometer erros. Deus não dominou suas mentes e suas mãos para que deixassem de ser artistas criadores e se tornassem meramente Seus secretários. A obra da inspiração foi, antes, imperceptível in-

fluência que guiou os autores em sua tarefa como um todo, para que não incorressem em inverdades ou deturpações e para que nada de essencial fôsse omitido.

## A unidade da Bíblia

Está a Bíblia dividida em duas partes, o Velho e o Novo Testamento, e cada uma delas é essencial à fé cristã. Por vêzes, uma dessas partes tem sido realçada em prejuizo da outra. No passado, alguns religiosos se baseavam em demasia no Velho Testamento, deixando meio de lado o ensino característico do Novo. Hoje nos inclinamos para o outro lado, e pensamos seja o Velho meramente um livro judaico, não muito necessário aos cristãos. Pessoas há, até, que pensam ser o Velho antagonico ao Novo, acusando aquêle de ensinar um tipo terrível de religião da qual precisamos agora ser libertados. Este, porém, não é o ensino do Novo Testamento e nem é, ainda, o ponto de vista da Igreja.

De acôrdo com a idéia cristã, a Bíblia é um todo orgânico, indivisível, o qual, embora formado de vários livros de autores diferentes, tem uma história única a relatar. E' como uma peça em dois grandes atos que se completam e que sem um dêles se tornaria incompreensível. Ler sòmente o Velho Testamento sem ler também o Novo é ficar ignorando o climax do drama e a parte central de tôda a história, pois êle contém a conclusão indispensável do relato iniciado no primeiro. Por outro lado, ler sòmente o Novo Testamento seria como que procurar compreender uma longa novela pela leitura do último capítulo, o que é difícil, dada a ignorância das partes ini-



ciais onde se abre a cena, se apresentam os caracteres e se descrevem os conflitos que têm de ser resolvidos.

## A base histórica do Velho Testamento

Reconhecendo que o perigo atual é o abandono do Velho Testamento, é necessário apresentar os motivos pelos quais o cristão deve sabê-lo importante à "salvação de sua alma". Há duas maneiras pelas quais é preciso compreender o Velho Testamento a fim de que se possa compreender também o Novo.

Primeiro — deve-se conhecer o esboço histórico geral do Velho Testamento, sem o que não se entenderá a significação histórica do Novo e as alusões que os escritores da Nova Aliança fazem em quase tôdas as suas páginas. Exatamente como não se compreenderá nenhum país, sem um conhecimento geral de seu desenvolvimento desde o tempo de seus primeiros colonizadores até agora, também não se compreenderá os judeus dos tempos de Jesus — a quem Êle dirigiu Sua mensagem, sem conhecer a longa história que formou o seu caráter e criou seus problemas. De certo ponto de vista, devem os fatos relatados no Novo Testamento ser considerados os capítulos finais da história heróica do Velho Israel. Os referidos fatos são os pontos culminantes daquela história — o grande ideal em cujo rumo tudo foi dirigido desde o comêço.

Observando o Evangelho de S. Mateus, descobrimos frisante exemplo do que foi dito acima, logo no primeiro capítulo. Mais da metade dêle é formada por uma lista de nomes que não terão significação alguma para quem



desconhece o Velho Testamento. Poderá parecer, à primeira vista, um método desagradável de iniciar um livro. No entanto, é evidente que o escritor achou necessário assim fazer a fim de poder colocar a figura de Jesus Cristo no seu devido lugar, isto é, como o fecho e complemento da longa história relatada antes.

Os demais escritores do Novo Testamento tinham pontos de vista semelhantes. A rigor, tôdas as páginas do Novo têm algo que dizer a respeito de homens e fatos do Velho. Êle era o livro sagrado de Jesus, de Paulo e dos seus contemporâneos, a única Bíblia que conheciam. Constantemente encontramos referências a Abraão, Moisés, Daví e aos profetas, quase sempre sem muitos pormenores porque os escritores tinham como certo que falavam a gente que conhecia o Velho Testamento. Assim, só poderemos compreender sua mensagem conhecendo também aquela história.

### **A base das idéias do Velho Testamento**

Em consonância com a base histórica do Velho Testamento, o qual os autores do Novo crêem que conhecemos, depara-se-nos também um grande fundo de conceitos, idéias e atitudes que êles julgam nos são igualmente familiares. Assuntos há sôbre os quais o Novo pouco diz, não porque os considere sem importância, mas porque julga os cristãos na plena posse do pensamento do Velho, tendo nêle apreendido tais idéias.

No Novo Testamento, por exemplo, há muito pouco da chamada doutrina de Deus, pois seus autores natural-

mente subentendem que os cristãos a conhecem pela leitura do Velho. Neste se aprende que:

Deus é pessoal

E' o Criador

Ama o mundo que Êle mesmo fêz

Tem um plano para a espécie humana

Governa as fôrças da História

Exige justiça e espírito de irmandade entre Seus filhos

Pune os maus e recompensa os bons

E' um Deus que salva e redime.

E' necessário saber estas coisas antes de podermos compreender os matizes especiais que o Novo Testamento tem para acrescentar ao quadro geral.

A própria idéia de Deus como Pai, considerada mais peculiar ao Novo Testamento, originou-se no Velho e é claramente sugerida no ensino de profetas como Oséias, Jeremias e Malaquias. O que é notável no Novo não é a doutrina em si, mas a nova ênfase que lhe dá.

Outro exemplo: O Novo Testamento pouco diz sôbre as exigências de Deus com respeito à justiça e espírito de irmandade nas relações sociais. Não quer isto dizer não estavam seus escritores interessados em tais coisas, mas, antes, que estavam convictos de que seus leitores sabiam a opinião dos profetas hebreus sôbre semelhante assunto.

Outro capítulo dêste livro — “A Fé e a Prática Religiosa no Velho Testamento” — descreve a mais importante destas idéias, que é aceita pelo Novo, e sem a qual êste não poderá ser bem compreendido.



## O Novo Testamento é essencial para a compreensão do Velho

Exatamente como o Velho é necessário para a compreensão do Novo, assim, para os cristãos, fornece êste a chave imprescindível para a compreensão daquele. — Quando se chega ao fim de uma história, coisas que foram ditas ou feitas nos primeiros episódios assumem profundo significado que, de comêço, não tinham. Lendo-se um livro, pela segunda vez, encontra-se íntima relação entre fatos aparentemente desconexos, matizes de profundo significado, em palavras proferidas pelas personagens, que não haviam sido percebidas na primeira leitura. A história adquire nova lógica, a cuja luz se aclara o sentido de fatos particulares. Quando nós, cristãos, usamos o Velho Testamento em nosso culto e em nossas meditações, não encontramos passagens que não adquiram novo sentido, porque sabemos que a perfeita revelação de Deus em Cristo é o fecho da história. A grande poesia dos Salmos; a obra dos profetas; os contos dos heróis de Israel; as idéias éticas dos mestres hebreus, tudo recebe nova clareza oriunda da luz da experiência cristã. E o motivo é que o cristão não se satisfaz com a simples interpretação do Velho Testamento à luz do tempo em que foi escrito. Para êle é um livro cristão, cujo verdadeiro significado se revela somente quando forma um todo indissolúvel com o Novo Testamento e se interpreta à luz do ato final da perfeita revelação de Deus nêle descrita. Esta relação íntima e essencial entre os dois Testamentos é o que queremos afirmar quando mencionamos a unidade da Bíblia.



## O Velho Testamento: preparação para o Evangelho

Pode o Velho Testamento ser definido, do ponto de vista puramente humano e objetivo, como a literatura do antigo Israel. Em uma edição dos clássicos, os volumes contidos no Velho Testamento são chamados “Antiga Literatura Hebréia”. Mesmo nesta proeminente posição difere êle de outras coleções literárias vindas da antiguidade, porque Israel era diferente de todos os outros povos antigos. Os hebreus mantinham para com Deus uma posição que os colocava em lugar à parte no mundo e sua literatura é marcada por uma grande preocupação com idéias religiosas, das quais decorria seu comportamento.

Para os cristãos, tal intensa preocupação com os planos de Deus referentes aos homens, importa em algo mais que gênio nacional ou racial. E’ a evidência da eleição (escolha divina) de Israel para cumprir alto e singular destino. Quando Deus iniciou a grande tarefa de redimir Sua Criação, escolheu para si, como a Bíblia diz, “um povo particular”, que seria Seu servo e mensageiro. Foi, entretanto, necessário um período preparatório, e a história dêsse período é a que o Velho Testamento relata.

Havia determinadas atitudes que ao povo israelita cumpria aprender; determinadas idéias sôbre Deus e o Homem que necessariamente tinham de ser impressas em sua consciência. Talvez o mais importante de tudo era aprender o profundo sentido do pecado humano e a incapacidade do homem para realizar seus objetivos e atingir sòzinho seus grandes anelos. Assim, descreve o Velho Testamento a história do senso nacional de tragédia e frustração. Através do ensino dos profetas, o povo israelita foi levado a compreender o significado de tôda a tra-

gédia, incluindo a sua. Os líderes espirituais da nação concluíram que a esperança do homem não estava em si mesmo, mas em Deus. Sentiram êles que, sem a boa vontade de Deus em auxiliá-lo e soerguê-lo do lodaçal em que se afundara, luta o homem por uma causa sem esperança.

O povo de Israel tinha de ser constantemente lembrado de que Deus o havia salvo da negra escravidão egípcia. Tempos depois, experiência de semelhante libertação tiveram no exílio da Babilônia. Os que compreenderam o significado dêstes eventos nunca duvidaram ter sido o poder de Deus ou a Sua boa vontade que os salvou. O que Deus fizera no passado, estava fazendo novamente. Assim o Velho Testamento termina num espírito de ardente expectativa, na crença de que Deus pode novamente intervir para salvar Seu povo (Isaías 60:1-3, Malaquias 3:1). Outros houve que sentiram ser necessária não somente a libertação externa do cativo, mas também do pecado, o qual era a causa real da tragédia (Salmo 130:8, Isaías 53:4-5). Êste novo e grande ato de Deus, criam êles, seria o último, porque então estabeleceria Êle o Seu Reino eterno (Daniel 7:27).

O Novo Testamento começa justamente onde o Velho termina. O capítulo inicial do primeiro Evangelho que foi escrito, o de S. Marcos, diz: "*Jesus veio para a Galiléia pregando o Evangelho do Reino de Deus e dizendo: o tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo*". O Velho Testamento olha rumo à frente, para uma redenção que estava por vir; o Novo encara o passado, para a redenção já completada.

Constitui, pois, o Velho Testamento, a narração do primeiro longo estágio da história de Israel, o povo de



Deus. Nesse primeiro estágio, Israel era uma nação e seus filhos lhe pertenciam pelo acidente do nascimento. Consistia nisso a única espécie de comunidade espiritual que poderia ter sido estabelecida sob as condições do antigo mundo semita. Com início do período do Novo Testamento, entretanto, o Velho Israel nacional tinha cumprido sua missão. A humanidade estava pronta para um grande e novo movimento criador no drama da redenção. Não quer isto dizer que Israel estava eliminado ou que a idéia da nação santa não tinha mais importância. Agora era propósito de Deus realizar Sua obra por intermédio de uma comunidade espiritual, uma sociedade, uma irmandade que estaria no mundo ainda que do mundo não fôsse; um fermento que, aos poucos, permearia a vida da humanidade. — Assim, do Velho Israel e continuando a seu lado, cresceria um Novo Israel, a Igreja Cristã. Esse corpo não teria restrições de raça ou nação, mas estaria aberto a todos: ao grego e ao judeu, ao bárbaro e ao cita, ao escravo e ao livre (Col. 3:11).

No Novo Testamento e na história da Igreja continuamos a ler a história de Israel, mas do Novo Israel, pois é nesta acepção que devemos entender a Igreja. O Velho Testamento não é, entretanto, exclusivamente da história de um povo antigo e curioso que, de algum modo, forneceu o ambiente histórico e físico no qual o Senhor e Seus apóstolos trabalharam. Ele é a nossa própria história, o primeiro capítulo da narrativa daquele grande movimento espiritual e redentor que começou com o êxodo do Egito e que continua até hoje. Nós tomamos parte nesse movimento.



Entre o Velho e o Novo Testamento existe uma parte chamada “Os Apócrifos”. — São livros que aparecem somente na versão grega denominada Versão dos Setenta e não no original hebraico. Os judeus da Palestina, por isso, os têm em menor conta e não os colocam nas Santas Escrituras.

A Igreja Cristã não tem estado inteiramente de acôrdo quanto ao seu valor. Alguns, especialmente os católicos-romanos reconhecem-nos perfeitamente canônicos, enquanto outros ramos cristãos os rejeitam. A Igreja Episcopal (ver os Artigos de Religião, VI) os reconhece como bons e úteis e recomenda-nos à leitura, mas sôbre êles não baseia ponto algum de doutrina. E' ponto de vista razoável. Mesmo que os referidos livros não alcancem as alturas dos outros que compõem o Velho Testamento, contêm êles alguns inspirados e fascinantes relatos como os de “Tobias” e “Judite”; ótima literatura moral como o “Eclesiástico”; excelente teologia como a “Sabedoria” e importante história como o “I Macabeus”. Os apócrifos são de grande importância para a compreensão do desenvolvimento religioso e histórico no tempo decorrido entre os dois Testamentos.

### O Novo Testamento: proclamação do Evangelho

Como o Velho, é o Novo também uma coleção de escritos de interêsse e valor diferentes. Não constitui tratado sistemático de doutrina cristã. E' menos complexo e tem menor número de livros que o Velho; atinge um período de tempo mais curto e, ainda, contém menos variedade de estilos literários.

Os livros estão reunidos em quatro grupos: a) relatos da vida de Jesus (Evangelhos); b) a primitiva história da Igreja apostólica (Atos); c) cartas de S. Paulo e de outros grandes vultos da época dos apóstolos (Epístolas); d) um livro apocalíptico (Apocalipse). Êsses livros originariamente não foram escritos com a intenção de formarem uma nova escritura cristã, pois a Igreja possuía já o que considerava escritura suficiente — o Velho Testamento. Foram escritos para atenderem necessidades peculiares a certos lugares e tempos, tais como:

Preservar por escrito a vida e os ensinamentos de Jesus quando a época das testemunhas oculares ia passando;

Enfrentar determinadas circunstâncias surgidas com o aparecimento de novas igrejas na Galácia, Corinto, Colossos, etc.;

Animar e guiar os cristãos quando começaram as perseguições.

Foram êsses livros consequência de situações especiais, e só podem ser claramente entendidos quando assim considerados.

Nos tempos primitivos da Igreja havia muitos desses escritos, porém com o aparecimento das heresias (falsas e perigosas crenças) tornou-se necessário fazer uma seleção entre êles a fim de salvaguardar a fé. Os livros agora incluídos no Novo Testamento foram afinal reconhecidos, por acôrdo unânime da Igreja, como descrições puras e fidedignas da fé mantida pelos cristãos durante a primeira geração. Dêste modo, desenvolveu a Igreja um corpo de escrituras cristãs, par a par com as velhas escrituras. Foi-lhe dado o nome de Novo Testamento



porque descrevia o meio pelo qual se firmou a Nova Aliança com Deus, bem como a maneira em que a entendeu a geração que esteve mais intimamente ligada aos acontecimentos.

Escreveram-se os livros sob a alta influência do Espírito Santo de Deus, para darem à fé e prática cristãs um fidedigno padrão.

Mais uma vez, devemos realçar que se não deve interpretar isoladamente as suas passagens; faze-se mister ir ao contexto. Não podemos escolher apenas certos trechos, esquecendo outros. O que importa no Novo Testamento não é tanto a beleza e a exatidão histórica de certos versos e capítulos particulares, mas o todo da fé, da qual o livro completo é testemunha.

Sob pontos de vista diversos, nos diferentes livros, proclama o Novo Testamento o testemunho unânime de um grande fato — que Deus Filho, completou o mara vilhoso evento da revelação e da redenção, e que os homens só serão salvos pela jubilosa aceitação do que Deus fêz. A esta mensagem denomina-se o Evangelho (Boas Novas). Sempre haverá discussões quanto ao valor de trechos particulares ou da veracidade histórica de determinados incidentes; no entanto, nunca haverá dúvida sobre a natureza da fé que todo o Novo Testamento proclama, assim como não será preciso corrigir nada do que é essencial no seu relato.

### O uso devocional da Bíblia

Terminando a consideração dêstes aspectos básicos da Bíblia e iniciando pròpriamente o seu estudo, é importante lembrar que ela não constitui mera fonte de história sagrada ou de inspiradoras idéias.



Seria isso um mero relato da revelação de Deus no passado. Assim sendo, seríamos induzidos a pensar que a Palavra de Deus é coisa morta, algo dito, faz muito, e agora fossilizado e guardado entre as capas de um livro! A Palavra de Deus é viva e os cristãos sempre creram que Ele faz uso da Bíblia para diretamente falar aos corações e às consciências individuais, em todos os tempos. E' a Bíblia o que quer que seja de alguma coisa sacramental, através do que Deus dirige a Sua Palavra aos que se aproximam em espírito de humildade e de oração. Jamais deverá o cristão lê-la como se fôsse apenas uma grande obra literária ou, ainda, um depósito de fatos antigos, dramáticos e impressionantes. Cumpre lê-la devocionalmente, suplicando o auxílio do Espírito Santo, e esperando ouvir Deus falar com clareza, através de suas páginas, em palavras dirigidas às *necessidades humanas*. Quando se lê a Bíblia dessa maneira, assume ela novo significado e se torna uma revelação atual, viva — a Palavra de Deus a nós proferida.

**Preparai o  
Caminho do  
Senhor**

**Segunda Parte**

**O VELHO TESTAMENTO**

## L I V R O S   H I S T Ó R I C O S

## C O M O   I S R A E L   S E   T O R N O U   U M A   N A Ç Ã O

E' o Velho Testamento mais que um livro, é uma biblioteca. Constitui-se de 39 livros que representam várias formas literárias. Nas Bíblias em português estão agrupados em três divisões: História (Gênesis — Ester); Poesia (Jó — Cânticos); Profecia (Isaías — Malaquias). Estudaremos o conteúdo dos livros sob essa divisão, lembrando, porém, ser a mesma artificial e não corresponder à da Bíblia hebraica, que os agrupa em Lei, Profetas e Escritos.

E' digno de nota, ainda, que muito poucos dos livros menores surgiram na forma de livros modernos. Não são, na maioria, obra de um único autor, que os tenha escrito no espaço de semanas ou meses. Representam, antes, o resultado de longo processo de crescimento e sedimentação, e alcançaram a forma atual graças ao trabalho de sucessivas gerações de editores. Na verdade, são anônimos. Alguns que aparecem com nomes de pessoas são assim apresentados por conveniê-



cia ou, então, porque essas pessoas foram as personagens principais (Samuel ou Esdras). Outros, por sua vez, porque a atuação dessas personagens tornou-se o núcleo em torno do qual o livro cresceu (Isaías). E, por fim, porque a tradição atribuiu certos tipos de escritos a determinados homens do passado (Provérbios, a Salomão; Salmos, a Davi).

### A natureza dos livros históricos

Êsses livros, na sua presente forma, foram compostos por pessoas que viveram no século VI A. C. ou mais cedo ainda. Para a sua feitura foram usados antigos documentos e fragmentos que haviam passado de mão em mão como parte das preciosas tradições nacionais, na forma de simples narrativas. Tanto quanto possível, foram usadas estas velhas tradições, ainda que nelas fôsem incluídos relatos diferentes do mesmo fato. Frequentemente, se descobre isso pelo fato de uma simples narrativa ser repetida mais de uma vez. E' isto que explica as contradições e inconsistências que ocasionalmente ocorrem na história bíblica. Os autores poderiam facilmente ter evitado isso, se o quisessem. No entanto, tinham tamanha reverência por aquêle material, na sua forma originária, que preferiram deixar que os velhos documentos falassem por si mesmos, ainda que causassem, às vêzes, alguma confusão. Devemos ser gratos aos historiadores hebreus por tal costume, pois, assim, quando lemos os livros do Velho Testamento, não estamos simplesmente vendo antigas histórias como as relataram homens do século VI A. C., mas as mais velhas memórias do povo hebreu. Com certa dose de habilidade é possível separar hoje os vários materiais

que os editores usaram, e assim estudar diretamente aquêles fascinantes documentos.

Os primeiros cinco livros do Velho Testamento formam uma classe especial e são chamados o Pentateuco, isto é, os Cinco Livros. São os livros que os judeus denominam a Lei e que são guardados como a parte mais sagrada da Bíblia. Contêm a história do povo hebreu desde o recebimento da Lei por Moisés, no monte Sinai, até a aproximação dos israelitas aos limites da Terra Prometida. Estudiosos descobriram quatro velhos documentos que, reunidos, formaram êstes livros e são identificados com os símbolos J, E, D e P (1)

Neste estudo não levaremos isso muito em conta porque os quatro autores estão atualmente fundidos num único relato. Na Bíblia em português é o Pentateuco chamado os Livros de Moisés. A tradição, porém, de que êle os escreveu é relativamente nova e os próprios livros nada nos informam a êste respeito. Moisés é mais o herói que o autor e ocupa o centro da narrativa desde Êxodo até Deuteronômio.

### O começo do mundo

E' natural inicie a Bíblia com o livro chamado Gênesis, pois que a palavra significa *comêço* e êle é o livro que contém as velhas histórias hebréias sôbre o comêço de tudo: o mundo material, homens, nações, línguas, pe-

---

(1) O mais velho dêstes documentos, cêrca de 850 A. C., J, é assim denominado porque prefere o nome Jeová ou Iavé, dado a Deus. O documento E, cêrca de 750 A. C., prefere Elohim. D, cêrca de 621 A. C., corresponde a Deuteronômio, e P é o documento sacerdotal, o mais novo de todos.



cado, sofrimento e morte. Não é um livro de ciência, e sim de religião. Não recorreremos a êle para aprender o que nos oferecem os livros científicos de geologia e biologia. A descrição da origem de tudo, como encontramos nesse livro, é a crença dos antigos hebreus conforme os melhores conhecimentos do seu tempo. O que ali encontramos relatado aconteceu antes do início da história real e são na maioria relatos de tradições antigas, correntes entre o povo. O que tem significação permanente no livro não é a ciência ou a história, mas os profundos princípios religiosos que expõe. Povo algum jamais produziu um livro que se possa a êle comparar na compreensão do significado da vida humana. Ainda que escrito, na sua maior parte, em prosa, é, na verdade, um livro de poesia, um grande poema épico da criação. Para entendê-lo, cumpre nos aproximar dêle com espírito poético e imaginativo.

A chave do livro encontra-se nestas solenes palavras: “No comêço criou Deus o céu e a terra”. Nelas estão a síntese do significado religioso de todo o relato da criação, que se segue. No decorrer dos tempos, poderão surgir hipóteses científicas sôbre o comêço do universo e o aparecimento do homem (nunca devemos esquecer que o que é acolhido hoje como fato científico poderá ser tido, amanhã, como supersticiosa ignorância); porém a Bíblia sempre conterà a base de tôda a verdade — que Deus está no âmago dos fatos. O mundo não se iniciou por mero acaso ou acidente, mas é criação de um eterno e poderoso Espírito, possuidor de um propósito definido.

A descrição que segue estas palavras, no primeiro capítulo, é um relato imaginoso de como Deus criou o Universo, pondo ordem no caos e imprimindo nêle Seu



espírito e vontade. Deus domina sôbre tudo, e tudo se faz à Sua simples palavra, o que, à maneira dos hebreus, significa dizer que Êle é o Criador. Aconteceram essas coisas antes do início da história humana, e realmente não podem ser descritas ou entendidas. No entanto, não nos é possível encontrar outra descrição de significado mais real e maravilhoso.

### Criação e queda do homem

O clímax da narrativa da criação é o aparecimento do *homem*, “feito à imagem e semelhança de Deus”. Nessa narrativa encontramos outra grande verdade espiritual; a santidade da pessoa humana. Logo após, vemos ser essa a razão por que é proibido o assassinio (Gên. 9:6). Proibe-se matar o próximo porque cada criatura, grande ou pequena, tem em si algo semelhante a Deus. Este princípio é a base da crença caracteristicamente cristã no grande valor do indivíduo e constitui, portanto, o fundamento de todo o sistema cristão de moralidade e ética social.

Lendo os capítulos iniciais do Gênesis com espírito desapassionado, descobrimos um fato curioso: há duas descrições da criação do homem — no capítulo primeiro e no segundo. Deve-se isso à já mencionada circunstância de que os últimos editores do livro recorreram às antigas fontes e entrelaçaram suas narrativas sem procurarem fundi-las. A narração do primeiro capítulo é originária do documento P, mais novo, enquanto a do segundo é de J, o mais velho de todos.

Lidas e comparadas as narrativas, logo se verifica que a do capítulo segundo é bem mais antiga que a ou-

tra, pois descreve Deus criando o homem com as Suas próprias mãos, e não pela simples elocução da palavra ou por conceber a idéia. Esta segunda narrativa, possui também seu significado espiritual que, sem dúvida alguma, os compositores do livro compreenderam. Informa esta narrativa como o homem, após ser criado, rebelou-se contra Deus, trazendo sofrimento e infelicidade ao mundo, que o mesmo Deus fizera para ser bom. A história de Adão e Eva é um profundo relato da psicologia do homem e frisa a inegável verdade de que o senso de frustração que muitas vêzes sentimos em nossas vidas e na vida dos que nos cercam, tem sua origem no pecado. Esse pecado, em sua essência, é simples orgulho, ou vaidosa desobediência ao rumo traçado por Deus à nossa vida. Porque Adão e Eva preferiram fazer o que queriam e não o que Deus determinou, foram expulsos do jardim, onde gozavam paz e felicidade, para o mundo de fadiga e luta amarga (Gên. 3:17-19). É digno de nota que o nome Adão é simplesmente a comum palavra hebréia para significar homem. Dá-nos isto a chave para entendermos a narrativa, a qual é realmente a história de cada homem.

O mesmo velho documento J continua no capítulo 4, com a história de Caim e Abel. Pessoas há que formulam tolas perguntas em tôrno desta história — tais como: “Onde Caim encontrou sua espôsa?” — porque não compreendem que o povo que nos transmitiu êsse relato não estava, êle mesmo, interessado nessa questão. Contaram a história porque ela estava ali à mão e constituía excelente parábola sôbre o desenvolvimento do pecado e da crueldade humana.

Assim que o homem se opôs a Deus e cortou as relações com Êle, sua baixa natureza dêle se apossou para



que iniciasse um tipo de vida brutal e egoísta, bem expressa na cínica frase: “Sou eu o guarda do meu irmão?” (Gên. 4:9). O restante do capítulo apresenta breve relato da horrível violência de Lameque, o qual bem ilustra o que pode fazer a natureza humana desenfreada (Gên. 4:23-24).

## O Dilúvio

Continuam os velhos documentos J e P narrando o dilúvio, antigo e impressionante relato, que revela a atitude de Deus para com o pecado (Gên. 6:8). Deus é pureza e justiça e, quando o homem completamente “corrompe sua vida sôbre a terra” (Gên. 6:12), Êle o julga e destrói. É uma parábola dramática que ilustra o princípio universal de que Deus “é de olhos puros demais para contemplar a iniquidade” (Hab. 1:13) e que tôda sociedade baseada na injustiça, na violência e em derramamento de sangue está fadada a desaparecer. Também demonstra que a simples punição do mal não é jamais o último propósito de Deus. Êle deseja que o homem se salve e restaure sua comunhão com o Criador. Da catástrofe que puniu o mundo pecador, Deus salvou o único homem justo que encontrou — Noé, e juntamente com êle, sua família. Era o divino propósito reiniciar com essa gente e com o que mais foi salvo do naufrágio, uma vida nova.

Outrossim, verificamos, que o Velho Testamento ensina que, através dos filhos de Noé (Gên. 10) — Sem, Cão e Jafé — todos os homens e nações, exibem origem comum. Deus estabeleceu um pacto com Noé, descrito em Gênesis 9, o qual envolveria todos os seus descendentes.



tes. É êste o modo de o Velho Testamento dizer que há uma lei moral universal, que deve ser obedecida e observada por todos. O aspecto mais importante dêsse pacto cifra-se na exigência do respeito à santidade da vida humana por todos, pois todos são feitos à imagem de Deus (Gên. 9:6). E assim verificamos que o comêço do Velho Testamento procura demonstrar que a paternidade de Deus abrange tôda a raça humana.

### Os patriarcas: Abraão e Isaque

Após narrar o episódio da Torre de Babel, que mostra como o homem, pela sua louca arrogância, mais uma vez trouxe desunião e confusão ao mundo, relata o antigo épico como Deus determinou salvar a humanidade, escolhendo uma família para ser agente de Sua revelação e obra redentora. Deus escolheu Abraão, na distante terra da Mesopotâmia, e chamou-o de entre a sua parentela para uma nova terra que lhe era desconhecida e da qual não sabia coisa alguma senão que Deus lha daria (Gên. 12). Assim Abraão, que vivia em Haran (ainda que seu pai seja apontado como natural de Ur, na Caldéia), abandonou seu lar e, recebendo com absoluta fé a promessa divina, cruzou o deserto com sua família, no rumo de Canaã, terra que chamamos hoje Palestina. Prometeu Deus que ela seria sua e que tôdas as famílias da terra seriam abençoadas nêle (Gên. 12:3). Êste pacto foi a segunda das grandes alianças de Deus com os homens. Desta vez, não com tôda a raça humana, porém com uma família particular. Tornou-se sinal dêste pacto o rito da circuncisão (Gên. 17:1-14).

Chegando a Canaã, separou-se Abraão de seu sobrinho Ló, porque os rebanhos e bens de ambos eram tantos que não podiam mais viver juntos. Ló escolheu a mais bela parte da terra, o fértil vale do Jordão, onde estavam localizadas as grandes cidades cananitas de Sodoma e Gomorra (Gên. 13). — Abraão, depois começou a se perturbar pela falta de um filho que lhe fôsse herdeiro e Sara, sua espôsa, já parecia idosa para ter família. Agar, serva de Sara, foi-lhe dada por esta como espôsa secundária e lhe gerou um filho, que foi chamado Ismael (Gên. 16). Estava tudo de acôrdo com as leis que governavam os povos do Oriente Próximo naqueles dias. Mas Sara sentia-se infeliz com sua situação, e Deus, apiedando-se dela, lhe deu também um filho. Ismael e Agar foram, então, expulsos (Gên. 16 e 21). É uma história patética, mas às gentes daquele tempo Sara estava justificada pela proteção aos interêsses de seu filho. Esta história é ótima ilustração ao fato de que não podemos tomar os padrões morais do Velho Testamento como aplicáveis todos a nós mesmos. Também nos cumpre reconhecer que o procedimento de Sara, em tempos menos recuados, teria recebido franca reprovacão em Israel. Ao povo que guardou a História, entretanto, o mais importante era que Abraão tinha agora um filho — a quem chamou de Isaque — e que estava assim, plenamente assegurado o cumprimento das promessas de Deus. Possuia Abraão uma família (a nação hebréia) e ela seria uma bênção para o mundo.

A história de Sodoma e Gomorra (Gên. 18 e 19) ilustra, mais uma vez, a aversão de Deus ao pecado. Os moradores das cidades, cananitas que habitavam a terra quando Abraão lá chegou, se haviam corrompido e foram destruidos pela chuva de fogo e enxôfre. Os úni-



cos salvos foram Ló e sua família. Ló foi salvo não só porque era da família de Abraão, mas porque era justo e possuía sentimento de honra e decência, o que seus vizinhos cananitas não tinham. Pelos conhecimentos que os estudos arqueológicos nos fornecem, concluímos que o quadro é real, porque os cananeus formavam um povo de vida moral inferior aos hebreus. A vitória final dêstes sôbre aquela gente representou não só o favor de Deus, mas o triunfo inevitável de um povo viril, altamente moralizado, sôbre outro decadente em todos os sentidos.

A mais tocante de tôdas as histórias com respeito a Abraão é aquela do sacrifício de Isaque, seu filho, a quem amava mais que qualquer bem terreno. (Gên. 22). Sabemos, hoje, que os sacrifícios humanos repugnam a Deus, mas naqueles dias antigos, assim não pensava o povo. O aspecto mais importante da história é o que nos mostra Deus pondo à prova Abraão, embora não tivesse a intenção de fazê-lo executar o sacrifício, e êste dando, na tremenda experiência, a comprovação de sua perfeita fé. Demonstra também o episódio a convicção dos hebreus de que a Deus não lhe aprazem sacrifícios humanos — enorme progresso na concepção humana de Deus.

### Jacó

Passa o Gênesis a narrar a história do noivado e casamento de Isaque com Rebeca, jovem pertencente a um ramo do clã de sua mãe, que ainda permanecia na Mesopotâmia (Gên. 24), e o nascimento de seus filhos Esaú e Jacó (Gên. 25). O herói da história é Jacó, ainda que, para nós hoje, seu procedimento não nos pareça



muito nobre, tirando de seu mano o direito de primogenitura. (Gên. 25: 4-27:40). Note-se, porém, que a Bíblia não idealiza seus heróis, mas os apresenta como seres humanos.

Jacó foi punido por sua traição, pois teve de fugir para salvar a vida. Na fuga, chegou a Betel, onde dormiu com a cabeça sobre uma pedra. Em sonho, vê uma escada que tocava os céus e pela qual desciam e subiam anjos (Gên. 28). Ali lhe falou Deus, repetindo as promessas feitas a Abraão, pois que êle viria, também, a ser ancestral do povo de Israel. Fugindo sempre, chega Jacó à Mesopotâmia, onde, após anos de árduo trabalho, casou com Lia e com Raquel, que vieram a se tornar mães de doze filhos, os quais, de acôrdo com a tradição hebréia, foram os fundadores das doze tribos de Israel (Gên. 29 e 30). Por fim, fugindo ao domínio de seu astuto e despótico sogro Labão, toma sua família e retorna à Palestina, onde, finalmente, se reconcilia com seu irmão Esaú (Gên. 30-33). Uma das maravilhosas histórias do Gênesis é a que nos narra como Jacó lutou tôda uma noite com Deus e compeliu-O a lhe dar a Sua bênção (Gên. 32:22-32). Êste episódio nos chegou envolto em névoas de antiguidade e nós só podemos conjecturar sobre seu significado original — explicar por que o nome de Jacó foi mudado para Israel (*aquêle que lutou com Deus*), nome pelo qual seriam chamados seus descendentes.

### José

É o resto do livro (caps. 37-50) tomado pela vida de José, um dos doze filhos de Jacó, e suas maravilhosas aventuras no Egito. Tornou-se, indubitavelmente, uma das maiores histórias da literatura mundial. As

personagens que a formam são reais e humanas, mesmo hoje, e é com emoção que a lemos, tomados pela sua atmosfera de excitante poder. José, diz a narração, inocentemente, desperta a inveja de seus irmãos, os quais, odiando-o, venderam-no como escravo a beduínos, que viajavam para o Egito. Lá foi comprado por Potifar, chefe da guarda do Faraó. Na sua inocência, despertou êle amor, seguido de temor e ódio, na espôsa de Potifar, o que o levou à prisão. Mas, tendo lhe dado Deus o poder de interpretar sonhos, chamou êle a atenção de Faraó e interpreta os sonhos reais, predizendo terrível fome que viria sôbre a terra. Admirando o rei seus notáveis dons, o nomeia para ser o segundo no reino, encarregando-o de acumular o estoque de alimentos para os longos e miseráveis anos que se aproximavam. Quando a fome se fêz sentir, vieram da Palestina os irmãos de José, esperando encontrar alimento. Após episódios dramáticos e patéticos, reconciliaram-se os irmãos. José disse: “Vós intentastes o mal contra mim, mas Deus o intentou para o bem” (Gen. 50:20). Por fim, Jacó e tôda sua família muda-se para o Egito, e foi viver no delta do Nilo, na “terra de Góchem” (Gên. 47:27). Morreu finalmente Jacó e, tempos depois, também José (Gên. 49:33;50:26).

### Deus tira Israel do Egito

Entre o Gênesis e o Êxodo há um lapso de tempo de cêrca de 400 anos, dos quais nada se sabe (Êx. 12:40). Êsse espaço de tempo tem significação, pois assinala a transição entre o que chamaríamos o mundo da pré-história e o mundo da história. Certos estudiosos sugerem fôssem Abraão, Isaque e Jacó mais tribos do que realmente pessoas, e que as suas peregrinações repre-



sentassem migrações de nações ou de povos antigos. No entanto, não oferecem essas sugestões consistência, quanto a Moisés, reconhecido como homem — uma das maiores personalidades criadoras de tóda a história humana. E' com Moisés e o Êxodo que a história do povo de Israel realmente começa.

No início do Êxodo, achavam-se os israelitas trabalhando como escravos para os egípcios, à semelhança de muitas outras tribos asiáticas. E' cruel a opressão que pesa sôbre êles, e sua vida se torna indescritivelmente amarga (Êx. 1). Quando procuraram impedir o crescimento do povo hebreu pela morte das crianças do sexo masculino, é o pequeno Moisés providencialmente salvo pela filha de Faraó, e criado como seu próprio filho. Ao se fazer homem, matou êle um egípcio que maltratava um hebreu e teve de fugir para o deserto do Sinai. Lá foi recebido na família de Jetro, um midianita, e casa com sua filha (Êx. 2). — Um dia, quando pastoreava as ovelhas de seu sogro, no sopé do monte Sinai (ou Oreb, como é também chamado), teve maravilhosa revelação de Deus. De sarça misteriosa que ardia sem se consumir, Êle lhe ordenou retornasse ao Egito e de lá tirasse o povo de Israel. Deus revelou a Moisés Seu nome — Jeová (Iavé, como se crê fôsse a pronúncia original) e prometeu auxiliá-lo em seus esforços para obter a libertação do povo (Êx. 3,4).

Moisés, ouvindo a ordem de Deus, voltou ao Egito. Após uma série de pragas que culminaram com a morte de todos os primogênitos, Faraó se convenceu de que um Deus mais forte que os deuses do Egito estava ao lado os hebreus, e deu a Moisés permissão de levar seu povo ao deserto. Naquela noite, de acôrdo com a ordem de Deus, comeram a refeição sagrada (que pas-



saria a ser uma celebração anual), que denominaram Páscoa, em comemoração de haver Deus poupado as casas hebréias quando os primogênitos do Egito foram mortos (Êx. 5-13). — Depois de sua saída, Faraó arrependeu-se de tê-los deixado ir e os perseguiu com os seus exércitos, mesmo através das águas do Mar Vermelho, que maravilhosamente se haviam separado para dar passagem aos israelitas. Faraó e suas fôrças morreram afogados (Êx. 14).

### Israel no Sinai

Moisés guiou, então, o povo através do deserto até o Sinai, onde acamparam. Êle mesmo subiu ao monte, a fim de receber a Lei que seria a base da Aliança de Deus com Israel (Êx. 15-19). Iniciando com o capítulo 20, o resto do livro (com exceção dos capítulos 32 e 33) consiste em várias leis e regulamentos que, de acôrdo com a tradição hebréia, foram entregues a Moisés nessa ocasião. As mais importantes dessas leis são os Dez Mandamentos (Êx. 20:1-17 e Deut. 5:1-21), que ficaram como o seu guia e constituem a sólida base de tôda a moral de Israel. Até o dia presente, ainda é o Decálogo a sólida base de tôda a moralidade. As demais leis do Pentateuco são, comparativamente, de menor importância e visam a regulamentar o cerimonial e o ritual mais que a moralidade. Muitas são, inquestionavelmente, posteriores ao tempo mosaico.

Note-se sempre que o relato de muitos desses fatos foi guardado, oralmente, durante diversas gerações, antes de ser escrito e, no decorrer do tempo, a natureza dramática de alguns deles deve ter sido exagerada e algo também, é claro, foi interpretado de modo con-

trário ao que fariamos hoje. Por exemplo, a matança das crianças egípcias parece um ato cruel, o qual hesitamos em atribuir a Deus. É provável que os hebreus daqueles tempos remotos, que não tinham os escrúpulos que temos agora, simplesmente interpretaram alguma enfermidade que atacou as crianças do Egito como um ato de Deus, realizado em benefício dêles. O povo de Israel tinha ainda longo caminho para percorrer antes que compreendesse, como o profeta Ezequiel, que o Deus bom e justo não quer a morte dos próprios maus. Problema idêntico, embora menos agudo, encontramos no perecimento do exército de Faraó, no Mar Vermelho. Estudiosos modernos têm procurado mostrar que o relato da travessia do mar, na sua forma original, era simples e menos espetacular que a presente história contida no Êxodo. No entanto, isto não altera a verdadeira essência histórica da narrativa — Deus, livrando fracos escravos das mãos de poderosos opressores, criou para si uma nação que seria o objeto especial do Seu amor e cuidado, pelo futuro adiante, e do qual havia de nascer, um dia, o Redentor do mundo.

Os capítulos 32 e 33 dizem como Moisés, quando desceu do monte, depois de receber as tábuas da Lei, encontrou o povo entregue à idolatria, adorando um bezerro de ouro que haviam feito. O episódio demonstra como é difícil ao homem pecador permanecer fiel a Deus e como lhe é mais fácil adorar coisas feitas pelas próprias mãos. Moisés, encolerizado com o que viu, quebrou as tábuas que trazia. — A história nos diz que, ao depois, os mandamentos de Deus foram novamente escritos. Descreve o resto do Êxodo a construção do tabernáculo.

Contém o Levítico mais leis, entre estas as mais importantes são as que regulam a oferta de sacrifício



(Lev. 1-7), o ritual do Dia da Expição (Lev. 16), e as belas leis humanitárias do capítulo 19:11-18, das quais o Senhor Jesus tirou o segundo grande mandamento: *“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”*.

### **Errantes no deserto**

A primeira parte do livro de Números consiste também, principalmente, em leis, mas a velha historia epica de Israel é reiniciada em 10:11. Ali começa a descrição da saída das tribos do Sinai e sua marcha rumo ao sul, aos limites da Palestina, à terra que Deus lhes havia prometido. Enviaram espias para observarem a terra, mas êles voltaram assustados com o poder militar dos cananeus. Rebelaram-se, então, contra a liderança de Moisés (demonstrando sua falta de fé em Deus) e foram condenados a andar quarenta anos errantes no deserto (Núm. 13,14).

Durante êsse tempo, fizeram seu pouso principal em Cades, oásis ao sul da Palestina. Mais tarde reiniciaram sua jornada rumo à Terra Prometida (Núm. 20). Tomavam o rumo leste e andavam até o sul do Mar Morto, região hoje chamada Transjordânia, onde tiveram inúmeras aventuras com vários povos que os combateram. A mais interessante foi com Balaão, um mago que o rei do Moab havia trazido da longínqua Mesopotâmia para amaldiçoá-los. Balaão verificou, no entanto, que Deus estava do lado dos hebreus e tôdas as maldições que proferiu se transformaram em bênçãos (Núm. 22, 23). Os outros capítulos contêm numerosas leis entremeadas de pequenas narrativas. Nêles se encontra o patético aviso de Deus a Moisés de que êle não entraria em Canaã e que a direção do povo caberia a Josué, seu sucessor (Núm. 27:12-22).



O livro de Deuterônômio é apresentado na forma de um adeus dirigido por Moisés ao povo, antes que êste atravessasse o Jordão para penetrar na Palestina. Apresenta, também, um resumo das leis que Deus lhes deu. Essas leis nos interessam pelo seu constante apêlo ao amor de Deus e aos homens. O Decálogo está no início da lista (Deut. 5) e o capítulo seguinte (Deut. 6:4 e seguintes) guarda o credo básico da religião judaica, chamado *Chema* (ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor), do qual Jesus tirou o primeiro dos grandes mandamentos: "*Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma e de tôdas as tuas forças*". O Deuterônômio parece ter sido um dos quatro livros do Velho Testamento favoritos de nosso Senhor. O Pentateuco termina com o relato da morte de Moisés, no tôpo de uma montanha, contemplando a Terra da Promissão, a cujas fronteiras guiara seu povo (Deut. 34).

### Israel conquista a Palestina — Josué

O livro de Josué começa uma série de livros históricos que relatam o destino do povo de Israel durante o período que vai da morte de Moisés até cêrca do ano 400 A. C., aproximadamente oitocentos anos. — Os livros de Josué até II Reis inclusive, têm certa unidade de propósitos e de estilo e podem ser lidos na ordem em que aparecem. I e II Crônicas, Esdras e Neemias, sob certos aspectos, pertencem a outra categoria, como veremos.

No livro de Josué, o antigo épico continua a história começada em Êxodo e diz o que sucedeu a Israel logo após a morte de Moisés. Sob as ordens de Josué

as tribos cruzaram o Jordão e atacaram a cidade de Jericó. Depois de sete dias de cêrco, a cidade foi tomada de modo estranho e maravilhoso, e, com o barbarismo típico do tempo, tôda a população foi exterminada (Jos. 1-6). De lá as tribos foram atacar Ai, cidade próxima ao centro da Palestina e, após certo rechasso, que foi interpretado como sinal do desagrado de Deus para com alguns dos atacantes, foi também ela tomada (Jos. 7-8). Segue-se uma série de batalhas em que Josué e os israelitas assumem a decisiva superioridade sôbre os cananeus (Jos. 9-11). O restante do livro descreve a divisão da terra entre as tribos e, finalmente, a morte de Josué (cap. 24).

### Primeiros tempos na Palestina — Os Juízes

Compõe-se o livro de Juízes de uma série de velhas e fascinantes histórias dos agitados tempos que se seguiram à conquista. Não é um relato consecutivo, mas um apanhado de rápidas cenas que nos mostram interessantes aspectos da vida e costumes da época. Cada facto tem seu herói, um militar (chamado Juiz, no sentido hebreu de dirigente) que surge nas ocasiões de graves crises e livra o povo da mão de opressores estrangeiros. O primeiro de importância foi Eúde, que assassinou o rei de Moab em seu leito real (Juízes 3:12-30). — Depois veio Débora, o único juiz feminino, que inspirou Baraque a guiar os israelitas na guerra contra os cananeus, que foram derrotados (Juízes 4-5). O Cântico de Débora, no capítulo 5, é o mais velho documento da língua hebraica e um dos mais importantes poemas de qualquer idioma.

O livro diz da coragem de Gideão, que expulsou uma orda de beduinos (Juízes 6-7), e de Jefté, tipo de



Robin Hood, pertencente às tribos à leste do Jordão e que libertou seu povo do domínio dos amonitas (Juízes 10-12). O último e mais famoso juiz foi Sansão, homem forte mas de mentalidade infantil, que foi o campeão do povo contra o poder nascente dos filisteus. A trágica história de suas relações com a inescrupulosa Dalila, que o entregou a seus inimigos, e sua morte heróica formam páginas das mais belas de qualquer literatura (Juízes 13-16). O heróis do livro de Juízes não são líderes religiosos. São, porém, admiráveis pela sua coragem. Através do livro se revê o tema básico do Velho Testamento — que uma nação enfraquece quando se torna desleal a Deus. Quando os israelitas permaneciam ao lado de Deus, Êle também ficava com êles; mas quando O abandonavam, Êle os abandonava.

O pequeno livro de Rute é uma novela atraente e romântica do tempo dos Juízes, ainda que escrita oito ou nove séculos depois. Na realidade, é um ataque aos preconceitos raciais. Sua heroína — de quem o livro toma o nome — é uma moabita de espírito generoso, que demonstra ser ótima pessoa e tão devota adoradora do verdadeiro Deus como qualquer hebréia. Os versos finais mostram que esta nobre estrangeira foi ancestral do rei Davi.